

## Um diálogo entre Deleuze e Guattari sobre a subjetivação em Michel Foucault

**Nota dos tradutores**<sup>1</sup>: o que tem Guattari a dizer sobre as subjetividades reacionárias da sociedade brasileira? Como os movimentos molares de subjetivação e a mídia capitalista convivem com processos de subjetivação resistentes, as religiões de matriz africana e a subjetivação ameríndia?

Em 1985 e 1986 Gilles Deleuze ministrou dois cursos sobre o pensamento de Michel Foucault na Universidade de Paris. Para a penúltima aula do segundo curso,<sup>2</sup> convidou Félix Guattari para debater acerca da subjetivação, um dos três eixos com os quais caracterizava o pensamento de Foucault. Nesse riquíssimo debate, travado à luz da história militante de Guattari e sob os ecos de 1968, tratam do tema atualíssimo da ressurgência das subjetividades reacionárias.

Como atualmente no Brasil, no 68 francês os vermes já estavam na fruta. Porém, ao mesmo tempo, o maio de 68 gestava uma série formidável de operadores de mudança, catalisadores dos eventos da época, cuja singularidade residia no fato de que seus desejos, palavras e ações não eram diretamente interpretáveis dentro das coordenadas da época, o que lhes permitiu criar os efeitos de ruptura que instauraram a novidade do 68 da qual ainda somos herdeiros.

É também muito atual a reação do general à proliferação de novas subjetividades que seguiu o maio de 1968. De Gaulle teria dito: no momento em que o gaullismo triunfou em todos os demais registros, o que é essa desordem absolutamente inclassificável, espécie de monstruosidade que se põe de través em minha ação, que vem manchar minha representação da subjetividade francesa, pela qual eu luto há décadas?

Segundo Guattari, Foucault teria deixado demasiado autônomas as esferas do saber e do poder com respeito às esferas de subjetivação. O maio de 68 mostrou que os modos de existencialização, essa forma de construir a existência doutra forma pode se transmitir na velocidade da luz, na velocidade dos afetos; não na velocidade da compreensão nem na da transmissão das relações de forças.

---

<sup>1</sup> Tradução e notas de Mario Marino e Claudio Medeiros.

<sup>2</sup> Trata-se da aula de 13 de maio de 1986. A transcrição francesa desta e das outras aulas encontra-se online no site da Universidade Paris 8: [http://www2.univ-paris8.fr/deleuze/article.php?id\\_article=498](http://www2.univ-paris8.fr/deleuze/article.php?id_article=498)

**Deleuze:** Eu gostaria que a sessão fosse consagrada à concepção de subjetivação segundo Foucault, ou seja, à natureza do que nós caracterizamos como o terceiro eixo.<sup>3</sup> Para isso eu tinha muita necessidade da presença de Félix Guattari, para lhe perguntar a respeito, tendo em vista que estamos em um ponto acerca do tema da subjetivação – vocês compreenderão o porquê – no qual o pensamento de Foucault se insere em todo tipo de correntes que participaram das causalidades múltiplas do maio de 68. Muito longe de serem sufocadas depois, realizaram, creio, ainda que sob formas às vezes latentes, desenvolvimentos extremamente importantes. Por isso a presença de Guattari, a quem eu gostaria de poder questionar a partir de suas próprias concepções, de suas diferenças com Foucault, de suas semelhanças.

[...]

**Guattari:** Tenho o pressentimento de que o percurso de Foucault se inscreveu numa situação que estava em plena transformação, ou [talvez] degradação, sobre um ponto essencial que era o status das ideologias, ou seja, das práticas ideológicas que se desenvolviam naquele momento... [Era o que]<sup>4</sup> o movimento operário chamava de o lugar dos problemas subjetivos na ação. Nesse momento – creio que é preciso sempre ter em conta o contraponto [(?) inaudível na gravação] ao trabalho de Foucault, a outra perspectiva paralela, porque havia a Escola de Frankfurt. Na França havia o trabalho de Althusser, mas também uma tentativa realmente conservadora de recolocar os problemas da ideologia, os problemas do fator subjetivo – para dizê-lo esquematicamente – das questões sociais.

**Deleuze:** Isto incluía – perdão por te interromper, é para repensar esses problemas – aqueles que tiveram que partir da dialética, e não puderam pôr a questão senão sob a forma ou no nível da ideologia, dizendo: é preciso fazer intervir um fator criador subjetivo da ideologia. Pois bem, diferentemente, Foucault não tomou... [?]

**Guattari:** No lugar disso, então, Foucault praticamente não tomou – ou raramente tomou – o problema sob a perspectiva do movimento operário, mas sob o ângulo das grandes formações subjetivas como a psiquiatria, a cultura penitenciária etc. Ele tomou entidades subjetivas concretas e atuais para tentar realizar sua genealogia das dobras [p/ls], a

---

<sup>3</sup> Deleuze caracteriza o pensamento de Foucault por meio de três eixos: saber, poder e subjetividade. Cf. nossa tradução do primeiro curso de Deleuze, *Michel Foucault: as formações históricas*. Disponível online: <http://editorapoliteia.com.br/cursos-michel-foucault/>

<sup>4</sup> Os trechos entre colchetes se referem a correções e acréscimos que fizemos à transcrição francesa a partir dos áudios disponíveis online no site da Paris 8.

estratificação das dobras que haviam levado a uma tal situação atual. Daí a importância da perspectiva de atualização através de uma genealogia em Foucault.

Logo, daí uma primeira ruptura com o modo clássico de abordar essas questões no movimento operário tradicional, no movimento marcado pelo stalinismo. Pois essas diferentes formas de subjetivação eram afetadas por algo que se chama – que se chama ainda, eu creio, não estou muito a par – as organizações de massas. Ou seja, [para os] problemas da juventude, os problemas das mulheres etc., para cada um havia uma organização de massas dotada teoricamente de uma autonomia, mas que na prática estava inteiramente sujeita [assujetté] ao instrumento de prática social que era o partido, o partido da classe operária, seu Estado-maior etc. Vocês conhecem o esquema. Isto fazia com que toda mutação que porventura pudesse aparecer no nível subjetivo – por exemplo, no movimento dos estudantes etc. – viesse sempre acompanhada de superfícies sensíveis para registrá-las. Eram as organizações de massas, era a União dos Estudantes, a das mulheres francesas etc. De todo modo, isso não podia desviar de forma alguma do conjunto das práticas coletivas, visto que estavam sob a tutela, sob a hegemonia de certas definições políticas, organizacionais, do partido em sua estrutura monolítica. De maneira que era ele, o partido, que definia as grandes normas de subjetivação da organização, não apenas para o partido, mas também para a classe operária.

Assim, havia uma definição do conjunto da subjetividade. E eu diria mais: não apenas para a classe operária, mas para as relações entre esta e a burguesia e, por fim, era uma forma de definição do que era o conjunto da subjetivação em dado momento. O que era a moral, não apenas operária mas também, de certo modo, burguesa. A esse respeito, é muito interessante ver que um dos primeiros movimentos de que eu participei era de contestação da psiquiatria tradicional [?] antes de 1958. Havia um questionamento dos hospitais psiquiátricos etc. Mas havia... Dou um exemplo, pois é preciso esclarecer...

**Deleuze:** Sim, será essencial porque... Sim.

**Guattari:** Havia então um movimento de contestação dos hospitais psiquiátricos. Tratava-se de... continuar as primeiras revoluções psiquiátricas [?], romper os muros dos hospitais, conceber uma psiquiatria mais aberta para a cidade, aberta aos equipamentos [urbanos] extra-hospitalares, introduzir técnicas de psicoterapia, incluir a psicanálise. Neste quadro, não sei sob qual conjunto de circunstâncias fui levado a propor que, ao invés desse debate se dar entre psiquiatras – progressistas em sua maior parte, membros do Partido Comunista [PC] –, que se tentasse desenvolver o debate diretamente entre os enfermeiros psiquiátricos. Não era possível ainda vislumbrar [o movimento com os próprios psiquiatrizados (?)], isso era ainda muito remoto.

Em seguida, o que é extraordinário, esse movimento se alastrou num primeiro momento como um incêndio florestal. Em poucas semanas, em alguns meses, havia dezenas de grupos de enfermeiros que se puseram a discutir apoiando-se em uma estrutura prévia, posta a partir do diálogo com certos membros do Partido Comunista no quadro dos centros de treinamento em métodos de educação ativa, ou seja, no quadro do cruzamento com

técnicas Freinet<sup>5</sup>, que eram mais ou menos utilizadas em pedagogia, que serviu para constituir uma sessão para formar os enfermeiros psiquiátricos. Então isso serviu de suporte. E muito rapidamente houve uma espécie de proto-68, de mini-68 no domínio da higiene mental, no âmbito dos enfermeiros psiquiátricos.

Imediatamente houve protesto – foi em 1957 –, não apenas da CGT, mas também da CFDT (de um modo mais tímido), dizendo: mas o que é isso? Vocês fazem colaboração de classe, não é possível, os enfermeiros não têm que se reunir fora das instâncias sindicais, por um lado, e por outro lado, para falar de problemas profissionais porque [?] é de um certo modo colaborar com o governo... Foi então que recebi as primeiras acusações pessoais de ser uma espécie de agente do gaullismo. O movimento foi imediatamente destruído, seus responsáveis excluídos da CGT etc. Nessa época o PC e a CGT tinham fortes [?].

Tudo isso é para dizer que essa moral operária, esse controle da subjetivação, dizia respeito não apenas ao PC, não apenas aos sindicatos operários e aos ditos “movimentos de massa”. Ou seja, as subjetivações dissidentes eram desligadas regularmente. Isso não mudava em nada o quadro, fazia parte de seu metabolismo, que concernia também a todos os fatos e gestos dos intelectuais e dos próprios burgueses e patrões que procuravam desviar a subjetividade operária.

É interessante que o PC podia ser muito oportunista, muito aberto aos intelectuais, aos meios católicos, aos burgueses, [desde] que ficassem no seu canto. Já havia uma grande fraternidade – que irá se desenvolver com Garaudy. Mas, assim que psiquiatras, intelectuais ou qualquer tendência infligia o debate de terreno – o que acontece com os modos de subjetivação em tal e qual profissão –, era a denúncia imediata, era a grande perversão, era a acusação de participacionismo: os gaullistas são pessoas que querem fazer participar, ou seja, que querem gerir a subjetividade, ao passo que ela deve ser inteiramente tutelada pela dicotomia da oposição de classes. Então digo tudo isso porque, no final das contas...

**Deleuze:** Posso te fazer uma pergunta? Você mostra que a emergência de novas lutas, a emergência de um novo tipo de lutas e a constituição de novas subjetivações são absolutamente complementares. Então parece-me que isso te levou a propor – não sei quando mas parece-me que foi antes de 68 – a noção de transversalidade para designar novos tipos de lutas, ou certo tipo novo de lutas, a qual em seguida foi retomada por Foucault num outro contexto para designar, ele também, os novos tipos de lutas. E você dizia: são lutas transversais em oposição às lutas... humm... centralizadas conduzidas pelo PC. Em seguida, ou ao mesmo tempo, mas creio que um pouco depois, a noção de transversalidade teve, parece-me, muitas consequências, hein? As lutas transversais são um tema que foi retomado em toda parte. Em que consistem as lutas transversais como novo tipo de lutas hoje, em oposição à velha luta centralizada, sindical, segundo o modelo do PC?

Em seguida desenvolveu-se (parece-me que foi em seguida) o tema dos alternativos, das redes alternativas, que também me interessa porque mostra formas derivadas. Alternativo seria então algo que deriva, por exemplo, uma psiquiatria alternativa deriva de um certo estado da psiquiatria e assume sua plena autonomia. Ela forma um novo tipo de luta que, ao

---

<sup>5</sup> Célestin Freinet (1896-1966), criador de um método pedagógico muito difundido nas escolas francesas.

mesmo tempo, faz emergir e forma um novo tipo de subjetivação. Então aqui no ponto onde você está, poderia me dizer como concebe essa transversalidade, as redes alternativas? Pois – sempre voltamos a isso – parece-me que você sempre partiu das experiências psiquiátricas, não apenas por gosto pessoal, mas porque historicamente foi um dos primeiros lugares onde se mexeu com tudo, onde tudo foi... Então queria perguntar se lhe convém esses temas: transversal, redes alternativas e sua relação com a nova subjetivação. O que foi essa nova subjetivação psiquiátrica, ou seja, a subjetivação dos loucos? Como se constituíram?

**Guattari:** Lançarei apenas alguns flashes, senão não terminaremos.

**Deleuze:** Sim, sim.

**Guattari:** É preciso destacar que essa emergência de temas relativos aos modos de subjetivação de grupos sociais específicos se fez de forma espraiada em mais de um nível e, ao mesmo tempo, conheceu uma espécie de travessia [*traversée*] – daí a expressão transversalidade –, de travessia de um certo número de temas, mais do que isso, de palavras, de senhas [*mots de passe*], de signos de reconhecimento. Nesse período existia – nós organizamos em torno de nossas pesquisas uma federação de pesquisas institucionais – o tema da análise institucional; era a ideia de que havia sempre um questionamento dos processos de subjetivação que devia ser feito em qualquer situação, pedagógica, psicoterapêutica, de animação cultural, urbanística etc. Então retomava-se sem cessar a ideia de que aquilo que devia ser posto em questão não eram apenas as relações de um pedagogo, psiquiatra, urbanista com o seu objeto; havia o problema das diferentes relações – digamos, da polifonia dos pontos de entrada possíveis, um pragmatismo – acerca de um objeto como esse: a insistência acerca do papel do habitante da cidade, a tomada de palavra das crianças, dos psiquiatrizados... E havia um outro tema que me parece interessante encadear agora com o que você disse: havia também a ideia de uma necessidade, de que houvesse uma pesquisa sobre a pesquisa, ou mais exatamente a ideia de que o ato pedagógico implicava um voltar-se sobre si [*un repli*]. Na época falava-se de transferência institucional, tínhamos incorporado todas essas categorias psicanalíticas. E havia a ideia de que não se podia levar a um bom termo uma empresa objetiva, digamos, fora do pedagógico, fora do psiquiátrico, do urbanístico etc., sem que houvesse um “desde dentro”, posto de maneira muito artificial. São coisas que se desenvolveram após 68 e que se esboçavam sob a temática geral da análise institucional.

Nesse contexto eu tinha sido levado a desenvolver uma série de noções, sobretudo em torno da transferência, com a categoria de transversalidade. Quero dizer: como algo distinto de mensagens, distinto de uma denotação ou de uma significação, podia operar independentemente das circunscrições de sentido ou de registros denotados, mas que eram, digamos, formações subjetivas capazes de inverter, atravessar o trajeto de situações completamente heterogêneas, inverter para criar um ambiente positivo [na época falávamos de uma rede de grupos (?)] ou então um ambiente de inibição ou de angústia? Era então o começo do que chamei posteriormente de função existencial, a pragmática da existência subjetiva no ponto em que pode funcionar fora justamente da fabricação de ideologias e das relações de forças.

**Deleuze:** Posso então dizer, numa primeira aproximação, que uma relação transversal pode se definir como aquela que por natureza une termos, ou seja, agentes heterogêneos e cujas funções são heterogêneas? É transversal nesse sentido, ao passo que se pode considerar que as lutas mais clássicas antes dessa época talhavam sempre sistemas homogêneos.

**Guattari:** Arbórescentes.

**Deleuze:** Ah, sistemas tão homogêneos que, quando se falava da greve geral, cobria-se todos os setores profissionais heterogêneos, que eram capturados no sistema homogêneo: todos os operários, todos os trabalhadores, era isso, era um sistema homogêneo. Pois bem, o que eu gostaria de dizer é que a sistemática – se quisermos refinar o vocabulário – cuja expressão mais bela é a dialética hegeliana – deixo aberto o tema no que concerne a Marx, pois seu caso é mais complicado –, a sistemática sempre operou com sistemas homogêneos tendendo à homogeneização global, máxima. Não apenas a dialética hegeliana, mas também outros procedimentos. Nós os vimos: eu falei disso neste ano, a linguística, a linguística que considera sempre como condição de sua cientificidade o recortar, o fato de cortar um sistema, um corpus linguístico homogêneo.<sup>6</sup> Pode-se dizer que este seria o velho esquema das lutas, ao pé da letra, piramidais, é a forma do centralismo democrático: a base, os intelectuais, o vértice – o partido – que é a vanguarda. É um procedimento de sistemas de homogeneização.

O que Félix e outros depois dele chamaram de lutas transversais, Foucault retoma na página 277 de Dreyfus e Rabinow,<sup>7</sup> mas curiosamente, entende que elas apenas ocorrem em diversas regiões heterogêneas. Mas creio que é preciso generalizar o comentário de Foucault e dizer que as lutas transversais são aquelas que unem agentes heterogêneos enquanto tais. Por exemplo...

**Guattari:** Não apenas enquanto tais, mas que trabalham sua própria heterogeneidade. Não apenas heterogeneidade de fato, mas a heterogeneidade processual, se podemos dizer assim.

**Deleuze:** [interrupção na gravação]... na junção de sistemas homogêneos, elas trabalham sempre de um sistema homogêneo a outro, entre os dois. Elas trabalham de fato entre sistemas heterogêneos, em um mesmo nível ou em níveis diferentes, mas é preciso que haja constantemente um conjunto de sistemas no qual cada um é homogêneo, mas heterogêneo com relação aos demais; sistemas em desequilíbrio. É isso então que se pudéssemos dar um sentido terminológico rigoroso, chamaríamos, de acordo com uma palavra da moda, mas à qual não creio que se lhe dá um sentido rigoroso, sistêmica, em oposição à sistemática. A

---

<sup>6</sup> “De fato, vocês veem como o lógico e o linguista procedem da mesma maneira. Eles reivindicam para si direitos a uma certa abstração, ou seja, condições sob as quais é possível constituir uma determinada língua como objeto científico. E as condições são muito simples: é preciso recortar sistemas homogêneos do interior da língua”. DELEUZE, G. *Michel Foucault: as formações históricas*, aula de 19 de novembro de 1985. Disponível online: <http://editorapoliteia.com.br/cursos-michel-foucault/>

<sup>7</sup> Foucault destaca cinco características dessas lutas. Uma delas é que “são lutas ‘transversais’, isto é, não são limitadas a um país. Sem dúvida, desenvolvem-se mais facilmente e de forma mais abrangente em certos países, porém não estão confinadas a uma forma política ou econômica particular de governo”. FOUCAULT, M. “O sujeito e o poder” (1982). In: DRAYFUS, L. RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Trad. Vera Portocarrero e Gilda G. Carneiro. Rio de Janeiro: Forense, 2010, p. 277. No curso *Em defesa da sociedade*, Foucault destaca o aspecto epistemológico dessas lutas, que trazem à tona “saberes sujeitos” pelo “efeito inibidor” das “teorias envolventes e globais”. Cf. FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria E. Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp. 6-7.

sistêmica em oposição à sistemática seria o estudo dos sistemas em desequilíbrio. Seria o estudo das relações transversais entre sistemas, ou seja, seria o estudo das relações que vão de um heterogêneo a um heterogêneo. De modo que vocês compreendem quando digo que nem Foucault – nem Félix (que eu saiba) nem eu, tivemos que chorar pela morte da dialética. É porque muitos outros descobriram que a dialética não se aplicava a esse nível, digamos, sistêmico, pois ela era sistemática, ela supunha um conjunto homogêneo do saber. E quero dizer: de certa maneira, Foucault não passou desse estágio; quando digo: nem Félix, é porque, evidentemente, já estávamos muito mais instalados em um domínio completamente sistêmico e de forma alguma sistemático, onde de fato as unidades eram sempre heterogêneas entre si e as relações eram transversais de uma unidade a outra.

Para que isso fique concreto, eu retomo o exemplo da psiquiatria. O que era importante numa luta transversal não era suscitar (como teriam querido os velhos métodos sindicais ou o PC) um movimento dos psiquiatras, um movimento dos enfermeiros e até mesmo, no limite, um movimento dos pacientes, dos doentes e, sendo o caso, reunir os três movimentos em um sistema entretanto homogêneo e dialtizável que seria o sistema homogêneo de tudo o que concerne à psiquiatria. Uma luta transversal é, ao contrário, tomar agentes heterogêneos em sua heterogeneidade. Vamos lá, eu considero um indivíduo, depois um médico. Em seguida não será preciso que um deixe o outro. Então não será a formação de um sistema homogêneo, é no nível do desequilíbrio entre os dois sistemas. Será preciso ainda que o psiquiatra aceite...

**Guattari:** O sistema pode se fraturar, isso faz parte de...

**Deleuze:** ... E que o sistema se quebre, tanto mais quanto, finalmente, esses encontros não possam se dar senão em um sistema sistêmico, quero dizer, já em um novo tipo de clínica. Em seguida que um arquiteto se reúna ali dizendo: vocês são ruins da cabeça! Como farão uma nova relação enfermeiro-doente se há corredores assim e quartos assim e janelas desse jeito? E não o fará enquanto arquiteto etc. Em seguida haverá um parente do louco que dirá: vocês me rendem hoje à noite? Mas o que acontece na noite anterior se eu venho buscá-lo? E se não há ninguém para trazê-lo de volta no dia seguinte? Logo, outro problema: como vamos levá-lo para passear? Aprender-se-á que há um problema de acolhimento, de acolhimento da cidade ao lado, quando os esquizofrênicos passeiam... O passeio dos esquizofrênicos, o momento em que os embarcamos no ônibus para passear é o único grande ato cômico da psiquiatria. Aí doze esquizofrênicos entram num café. É algo que se nota [risos]. É o grande Beckett, é prodigioso. Mas aqui também, entre a acolhida e a hostilidade há todo tipo de nuances.

Então vocês veem que o que se chamará uma abordagem sistêmica confrontará esses termos heterogêneos sem jamais formar como condições prévias sistemas homogêneos cada vez mais homogeneizáveis. Não chegaremos nunca a uma pirâmide das pirâmides que tal como “isto diz respeito à psiquiatria”. Teríamos sempre ficado na base ou nas faces da pirâmide, fazendo percutir [*percuter*] um louco, um psiquiatra, um parente de louco etc. etc. É isso uma relação transversal.

**Um aluno:** [inaudível]

**Guattari:** Creio que é preciso procurar ressituar as questões necessariamente fora da ótica dos períodos – completamente transitórios – de decomposição das formas de ver dessa época... É preciso também reenquadrá-los com relação à situação de subjetividade atual, essa ascensão irresistível da glaciação de subjetividades arcaizantes que é esta – eu retomo os termos que elaborei e coloquei sob o título geral de “os anos de inverno”<sup>8</sup> –, que é o fato de que algo não funcionou e, ao contrário, deu lugar à essa subida extraordinariamente reacionária; não apenas das ideologias de referência econômica do tipo do neoliberalismo etc., mas também na subjetividade profunda [de camadas muito grandes] da população que confluem no lepenismo, no aumento do racismo etc. Penso que é com relação a esse evento [advenir] no seio do qual nos encontramos que se podem colocar os problemas. E é nesse sentido que eu gostaria de ressituar o que foram as tentativas dessa época, a de Foucault e de um certo número de pessoas.

O que me interessa e o que gostaria de fazer aqui, se possível, é procurar recolocar a problemática dos arcaísmos, e por que os arcaísmos vão tão bem e, infelizmente, vão cada vez melhor e são mais e mais perigosos. É que, com efeito, todos esses eventos não se separaram completamente das perspectivas de transformação na ordem das relações de forças e na ordem de uma elucidação do saber, na ordem de uma analítica crítica dos saberes.

Eu penso que houve aqui entrecruzamentos que não eram transversalistas, mas que, ao contrário, na medida em que se avançava nessa tentativa de pensar formas de subjetivação efervescentes, havia sistemas de contrários que desembocavam em iniciativas muito retrógradas, muito reacionárias, conservadoras; e isso não apenas no nível global que vemos hoje, mas também no nível precisamente microsocial. É o que aconteceu no seio do movimento homossexual, do movimento feminista etc. Vimos “grupuscularizações” [*groupuscularizations*] muito ativas, muito virulentas que fizeram com que aquilo que havia sido um movimento muito generoso, muito aberto, muito livre como o de 68, desembocasse em organizações hiperconservadoras como a Gauche Proletarienne, os movimentos do maoísmo, com todos os arcaísmos etc. Creio que o problema que gostaria de devolver a Gilles seria: como se chegou até aqui e como, de certa forma, o verme já estava no fruto nessa época. O que me leva a procurar escavar o problema...

**Deleuze:** Você aceitaria somente essa correção: como o verdadeiro processo de subjetivação dava saltos surpreendentes, independentemente destes malogrados?

**Guattari:** Sim, mas isso é fácil, quero dizer, será fácil entrar em acordo acerca disso e fazer a descrição, as análises...

**Deleuze:** Sim, mas parece-me que nos importa muito salientar que o maio de 68 não foi de modo algum um fracasso.

**Guattari:** Sim, de acordo. Dissemos e repetimos. Podemos voltar a dizê-lo. Mas o que eu gostaria de destacar é um ponto um pouco mais específico. Em função do que você enunciou acerca das três dimensões do saber, do poder e da subjetivação, Foucault pensa o problema

---

<sup>8</sup> Cf. GUATTARI, F. *Les années d'hiver*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2009.



da subjetivação<sup>9</sup> em termos de grandes dobras, de grandes dobras se inscrevendo em pequenas, médias e até mesmo grandes durações históricas, e grandes dobras instaurando-se sobre grandes camadas, grandes eras de subjetivação. Assim, de um certo modo, não se rompe completamente com os outros métodos, tradicionais, socialdemocratas e... stalinistas ou até mesmo cristãos, a ideia de querer transformar a subjetivação por grandes massas. Esse trabalho de subjetivação por grandes conjuntos é aquele da produção de subjetividade massa-midiático, é o que se produz com os grandes equipamentos coletivos, exceto que, aqui, ela é completamente serial, completamente universalizante, ainda permanecemos no quadro de uma apreensão globalista das dobras de subjetivação.

O problema que deveria emergir, mas dentro de uma certa obscuridade, a qual é preciso escavar, é que as dobras em questão, essas produções de subjetividade, operam em todos os níveis, inclusive em níveis infra-pessoais: em mutações da visão, da percepção – seria a mutação da visão em alguém como Artaud ou Beckett, que verá, sentirá a literatura, a escrita, o teatro e o cinema de outra forma, é uma mutação que podemos definir como totalmente singular, individual.

Mas há mutações que se dão em outros níveis. Por exemplo, uma mutação interessante, que podemos localizar e dar um nome próprio, é a revolução introduzida por Célestin Freinet na relação pedagógica, a qual não encarnou primeiramente em uma crítica do saber pedagógico, mas numa incapacidade prática, uma impossibilidade para ele de assumir sua profissão de professor, o que o fez introduzir relações... criar um outro espaço pedagógico em uma classe no campo, no qual se desenvolveu toda sorte de coisas, teorias, práticas, tecnologias como a escola cooperativa ou os movimentos pedagógicos que iriam mais o menos se desfazer em seguida. Outra ruptura de mesmo tipo, que é ao mesmo tempo individual e de grupo, seria aquela de Fernand Deligny,<sup>10</sup> que a produz não por ideologia, mas por meio de sua sensibilidade. É um tipo que se pode considerar um escritor ou um poeta e que não pode suportar a profissão que lhe atribuem, seu papel profissional em um hospital psiquiátrico e depois em relações com crianças com dificuldades, com delinquentes, débeis [débiles] etc. A partir daqui se desenvolve um outro tipo de visão, um outro modo de referência acerca desses problemas. Em seguida, uma outra disposição desses atores, com todas as repercussões dialéticas posteriores que surgem.

Tudo isso pode ter... O que quero dizer, o que é interessante ver é quais são esses operadores de dobra, quais são esses cristais de dobraduras [*pliages*]? Quais são esses pontos de bifurcação, para retomar a terminologia que evoquei? O que fará com que, em certo momento, não se dobrará mais no mesmo sentido? É sobre esses operadores que precisamos refletir: o que é um operador de subjetivação? Pois, senão... O que é um operador de dobra, o que é uma dobra? Como uma dobra irá se perpetuar, catalisar-se?

---

<sup>9</sup> Para Deleuze, a ideia fundamental de Foucault é a de uma dimensão – ou seja, de um “nós” situado historicamente – que deriva do poder e do saber, mas que não depende inteiramente deles, ou seja, que se desenvolve ou se enreda em torno dos eixos do saber e do poder, constituindo um terceiro eixo ao mesmo tempo em que reescreve os outros dois. Cf. DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 109.

<sup>10</sup> Médico e educador, Deligny trabalhou na Clínica La Borde, em especial com adolescentes especiais e com autistas. Sobre seu trabalho, cf. DELIGNY, F. *Oeuvres*, Paris: L'Arachnéen, 2007.

Se me permitem, tomarei dois exemplos para tentar encontrar-me, sempre em segundo plano, com essa questão da ascensão sempre possível dos arcaísmos, que faz como que, quando uma dobra, quando um operador é suficientemente potente para mudar completamente as coordenadas de subjetivação de um domínio, acarreta toda sorte de consequências, todo tipo de efeitos. Pode contaminar todo o planeta, como em 68, há uma certa dobra de expressão que arrebatará até mesmo o Japão (os Estados Unidos, toda parte e, em seguida, se fratura). E há, em sentido oposto, uma ascensão de antigos modos de subjetivação que vão tomar o poder, vão se reinstaurar tão mais violentamente que ocorreu uma impossibilidade para esse novo processo de subjetivação de encontrar sua própria duração, de encontrar sua própria memória de ser, sua própria instauração em territórios de subjetivação.

Tomarei dois exemplos para mostrar as características muito particulares desses operadores. Volto até antes de 68, aos anos 1965, 1966 e 1967. No movimento estudantil houve, como sabem, todo o impacto provocado pela reação à guerra [de independência] da Argélia, devido ao fato de que ninguém reagiu de maneira inteligente diante desta guerra, ou seja, de que o Partido Comunista e os socialistas estiveram comprometidos com essa guerra colonial. As primeiras respostas subjetivas foram muito singulares, completamente não discursivas. Foram as revoltas das pessoas que se recusavam a partir para a guerra, as revoltas nos trens, nas estações, foram as deserções, aqueles que se esconderam ou que trabalharam com o FLN,<sup>11</sup> etc. Isso criou um tipo de núcleo difuso que se cristalizou sob diferentes formas, em particular no movimento estudantil. Uma primeira forma, um primeiro nível de subjetivação que era uma ruptura difícil de explicar, pois mesmo alguém muito à esquerda como Claude Bourdet denunciava essas revoltas. E a ajuda ao FLN nessa época foi mal vivida por todas as pessoas que tinham uma palavra articulável sobre o tema. Podemos dizer mais ou menos o mesmo acerca do conjunto de pessoas que estava em condição de enunciar alguma coisa acerca da Comuna de Paris. Podemos dizer que na época não houve praticamente nenhum intelectual, nenhum artista, exceto algumas exceções como Courbet, que pudesse tomar consciência da mutação de subjetivação que ocorria na Comuna de Paris. Foi preciso décadas para que começássemos a repensar o que tinha se passado na Comuna de Paris. Pois bem, o mesmo vale para a Guerra da Argélia e para o 68.

Quero então dirigir minha atenção para um muito pequeno operador, microscópico, aliás, desconhecido hoje pelos historiadores, eu creio, mas que foi muito importante. Verão porque eu o escolhi. No movimento estudantil antes de 68 havia a União de Estudantes Comunistas,<sup>12</sup> que eram dissidentes inspirados nos movimentos italianos, e havia também um certo número de correntes cristãs, de esquerda etc. que atuavam nesse movimento e que desenvolviam então ideologias alternativas. Mas o que surgiu como o operador decisivo foi o ocorrido no seio da Mutuelle Nationale des Étudiants de France, pois ali não se tratava somente de contestar as atitudes, as ideias, mas de pequenos territórios de gestão de uma parte do aparelho de Estado, a saber, a Sécurité Sociale Étudiante. É neste setor que estudantes estiveram em posição completamente diferente de outros estudantes, pois eram

---

<sup>11</sup> Trata-se do movimento independentista argelino Front de Libération Nationale.

<sup>12</sup> A UEC era uma organização estudantil francesa fundada em 1939 e refundada em 1956 e próxima do PCF. Em 1957 seu secretário, Serge Magnien, tomou posição contra a Guerra da Argélia e em favor à objeção de consciência de um grupo soldados. Por este motivo ficou preso até 1960.

completamente dependentes dos funcionários das universidades, dos professores, dos meios de subsistência etc. Por uma espécie de acidente, de convergência do sistema de seguridade social francês, eles estavam em posição de gerir fundos relativamente muito importantes, os fundos de seguro social dos estudantes.

Mas tais estudantes tentaram transformar algumas pequenas coisas, coisas microscópicas como um centro de ajuda psicológica universitária, ou então produziam métodos de psicoterapia inspirados na psicanálise que punham os problemas do saber, da transformação da relação pedagógica, da sexualidade no meio estudantil etc. E, a partir dali cristalizaram o que eu chamo operadores de subjetivação completamente novos que contaminaram e deram alma a tudo o que se passou em seguida na UNEF,<sup>13</sup> e no conjunto do movimento estudantil. Reencontraremos esses operadores em plena atividade em 68, notadamente em Estrasburgo, pois um dos grupos de Estrasburgo havia pura e simplesmente dissolvido seu setor de seguro mutual estudantil e utilizado os fundos para fazer panfletos que foram, como vocês sabem, toda a literatura situacionista que teve então um eco considerável. Foi preciso haver um operador mínimo, um pequeno território, digamos, de remodelação das relações habituais, um território liberado, um pequeno território de reapropriação para que, de uma só vez, a dobra se fizesse.

Ademais, foi nessa época que efetivamente toda uma série de indivíduos entraram em contato com os movimentos estudantis, gente de fora do estudantado, psiquiatras, pessoas como eu, jornalistas etc., e surgiu a possibilidade de proliferação das problemáticas. O que é muito interessante notar é que não era uma ideologia que se desenvolvesse nessa mutual estudantil. Era uma série de possibilidades que era simplesmente uma ruptura, essa margem, essa proliferação, para que algo pudesse ser dito. Mas não se sabia ainda o que podia ser dito. Eis aqui um operador para ser descoberto: as mutuais dos estudantes.

O segundo exemplo diz respeito ao que ocorreu em Nanterre: o grupo que irá se chamar 22 de Março em Nanterre<sup>14</sup> não era de modo algum um grupo de ponta, de modo algum um grupo que possuísse uma posição ideológica afirmada. Ao contrário, a universidade de Paris-Nanterre era um lugar que era sobretudo marginal e pobre, onde nada acontecia e as pessoas se aborreciam em meio a um novo tipo de urbanismo, um novo tipo de arquitetura completamente lamentável. Foi nesse contexto que um certo número de cristalizações e de correntes foi criado, introduzindo rupturas espetaculares e criando esse efeito de campo, de repercussão que foi um dos elementos catalíticos fundamentais do maio de 68.

Ao sublinhar esses dois exemplos aparentemente um pouco incompreensíveis quero mostra que, justamente por serem incompreensíveis, justamente porque eles não eram diretamente interpretáveis dentro das coordenadas políticas da época, das coordenadas

---

<sup>13</sup> A Union Nationale des Étudiants de France, um sindicato estudantil com inclinações à esquerda fundado em 1907, é o principal sindicato estudantil, contando com 36.000 afiliados em 60 setores locais.

<sup>14</sup> O 22 Mars à Nanterre foi um movimento de estudantes franceses de orientação antiautoritária fundado na noite de 22 de março de 1968 no campus de Nanterre da Universidade de Paris, uma construção então recente na periferia oeste desta cidade. Marcado pela conjugação de questões quotidianas – como a sexualidade – com questões gerais como a oposição à guerra norte-americana no Vietnã, é considerado um dos disparadores do maio de 68.

sindicais, grupusculares [?], que eles criaram esse efeito de ruptura que desembocou naquilo que o próprio De Gaulle chamou de desordem.<sup>15</sup> Ele dizia: no momento em que o gaullismo havia triunfado em todos os demais registros, o que era essa desordem, essa coisa absolutamente inclassificável, essa espécie de monstruosidade que se põe de través na minha ação, que vem manchar minha representação da subjetividade francesa, pela qual eu luto há décadas?

Quero chamar a atenção para o fato de que esta prática da dobra não é uma ruptura delirante vis-à-vis dos enunciados discursivos ou das referências de lutas, mas implica [em todo caso] suficiente consistência para que uma prática de subjetivação se afirme enquanto tal, seja autorreferente, ponha-se em ruptura de tal forma que servirá seja como ponto de mira das forças adversárias, da repressão etc. quanto como ponto de catálise, para dizer: bem algo aconteceu. Esse tipo de ruptura será caracterizado não apenas porque é ruptura, mas porque é ruptura assumida, porque é dobra ao enésimo grau, é dobra de dobra; é uma afirmação da ruptura como tal, não é simples constatação de uma marginalidade, de uma referência, portanto, para pessoas que buscam sua identidade coletiva mais ou menos independente, mas é que ela se afirma como algo que se põe fora dos jogos habituais da fabricação de sentido e da fabricação dos sistemas de referência e das relações de forças.

É aqui talvez que poderemos fazer a conjunção com os outros tipos de práticas, que não são mais práticas sociais, mas práticas poéticas, estéticas como... a ruptura analítica, que introduz um uso radicalmente diferente da construção de frases e de significados. Um certo tipo que, afirmando-se em sua singularidade, pode se tornar processo de singularização. E é esse processo, esse modo de existencialização, essa forma de construir a existência doutro modo que... ele pode se transmitir... eu diria, na velocidade da luz, na velocidade dos afetos, ou seja, não na velocidade da compreensão de um problema nem na velocidade da transmissão das relações de forças...

**Deleuze:** Eu...

**Guattari:** Eu gostaria de concluir, por favor. O que me parece importante diante de Foucault é que ele deixou demasiado autônomas as esferas do saber e do poder com respeito a essas esferas de subjetivação, ou seja, esses problemas de subjetivação estão ainda muito ligados às relações de forças. Nele, ainda se dobram forças, relações de forças. Ora, nesse nível de subjetivação, não é mais uma questão de forças, nem mesmo de relações de forças, não se está mais na mesma lógica dos conjuntos discursivos que irão articular territórios distintos uns dos outros. Entramos naquilo que Gilles, noutra época, chamou de uma lógica do sentido, que retomamos [?] como uma lógica de corpos sem órgãos. Entramos numa lógica do afeto que não conhece as distinções entre as entidades subjetivas, umas com relação às outras. Um devir-feminino [*dévenir-féminin*], esse dos movimentos feministas, não se opõe ao devir-homosexual ou ao devir-masculino, ao devir-criança, ao devir-invisível, devir-planta. É um rasgo de intensidade existencial que se afirma em configurações subjetivas completamente outras. Podemos entrar num devir-feminino sendo heterossexual. Podemos

---

<sup>15</sup> *Chienlit* designa um personagem do carnaval de Paris. Tem um sentido pejorativo de revolta, baderna ou desordem. A frase atribuída a De Gaulle seria: “A reforma [universitária] sim. A baderna não”. Os estudantes retrucaram ironicamente postando cartazes do general com o mote “La chienlit c’est lui”. Note-se a referência erudita, o termo *chienlit* teria sido cunhado por Rabelais em *Gargântua e Pantagruel*.

entrar num devir-planta ou num devir-esquizo sendo, por outro lado, um homem de ação ligado à tal e tal estrutura onde existem relações de forças. É a passagem a essa outra lógica que conta.

Penso que a dobra não se instaura entre campos de forças, ela se introduz como estrutura de dobradura, como estrutura processual que criará um outro tipo de endoreferência. É isso que me parece importante e é nesse instante que veremos que, na medida em que se opera esse tipo de completa mudança, alguma coisa advém, um outro modo de subjetivação se instaura, com suas consequências. Em seguida, eventualmente, ele cede seu lugar a outros tipos de subjetivação que se reforçam então unicamente segundo a lógica do saber, as lógicas das relações de forças.

**Deleuze:** Se me permite, gostaria de colocar de imediato três coisas acerca do que você disse, porque vêm bem ao caso... As três coisas concernem a três características,<sup>16</sup> que não esgotam essa produção de subjetividade ou esse processo de subjetivação. É justamente porque... porque ele não depende do poder e do saber, porque há essa autonomia, essa deriva, que ele mobiliza necessariamente... não seria possível sem um novo campo de percepção e um novo campo de afecção. Um novo campo de percepção e de afeto. É por exemplo... é um tema comum a muitos... que encontraremos muito bem expresso, o apelo a uma nova percepção, em Marcuse, por exemplo, mas encontrarem também... na droga. A droga, as comunidades de drogas reclamavam para si essencialmente uma nova percepção. Nós mantemos o princípio de que, nessas operações de subjetivação pode haver coisas trágicas.

O que me interessa, independentemente dos sucessos ou dos fracassos, são os temas, as espécies de grandes reivindicações. Ora, aqui, como disse Félix, a reivindicação de uma nova maneira de perceber, de um novo campo de percepção e de afeto é fundamental. É tanto mais fundamental, repito, quanto a subjetivação não decorre de uma dialética do saber, de sorte que não pode nutrir sua autonomia senão com novas percepções, novos afetos. Por exemplo, o texto de Marcuse que diz “vão”, sem dizer qual é essa nova percepção. É um pequeno volume que se chama *Vers la libération*<sup>17</sup>. Mas penso que em certos casos fomos mais longe na análise dessas novas formas de perceber.

O segundo ponto que Félix trouxe e que me parece essencial é que todo processo de subjetivação não apenas traz consigo novos campos de percepção e de afecção, mas constitui ele mesmo uma abertura de potencialidade, ou seja, responde não especialmente ao tema da espontaneidade, mas ao da criatividade, da determinação de algo novo. E é quase um princípio de toda criatividade que algo de novo seja posto antes que se saiba. De modo que a subjetivação se coaduna com: como chegamos a essas constituições de criatividade possível, de criatividade potencial? Chamo criatividade potencial esta posição de um novo antes que se saiba que o é, que é o novo. Este seria o terceiro ponto.

O terceiro ponto é que, em um processo de subjetivação, uma identidade só pode ser assinalada se tal processo já estiver retomado por formas de poder e de saber. Há textos de

---

<sup>16</sup> Segundo Deleuze, pode-se pensar em três *linhas* de fuga e territorialização ligadas à subjetivação: uma linha nômade, outra migrante ou molecular e uma terceira sedentária ou molar. Cf. DELEUZE, G.; PERNET, C. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 111.

<sup>17</sup> MARCUSE, H. *An essay on Liberation*. Boston: Beacon Press, 1969.

Adorno que iriam nesse sentido: o que corresponde a um processo de subjetivação é a não identidade, é o não idêntico. O que é o não idêntico? Está muito perto do que dizíamos no início. Retomamos o problema da percepção: fazer arte fora da arte. Não digo somente, digo também fazer arte fora da arte. Acrescento que isso pode conter tanto o mais medíocre e nulo quanto o mais importante. Por isso digo que não é a subjetivação que nos salvará do poder, pois há subjetivações... seria melhor tolher a própria vida do que entrar nelas. Não há juízo de valor nestes eixos, há subjetivações ignominiosas. Há maneiras de fazer arte fora da arte que são ignominiosas.

Dou exemplos muito breves. A maneira com que os bandos norte-americanos – subjetividade de grupo, subjetivação de grupo – pinturicavam [*peinturluraien!*] o metrô não é a mesma coisa que ver crianças hoje em dia pintar com estêncil – momento no qual o coração se dirige tanto para a arte quanto para fora da arte. Ora, o exemplo do dadaísmo é muito importante porque esteve, eu creio, entre as primeiras grandes tentativas modernas de fazer arte fora da arte. E reencontramos então, como Félix sugeria, exatamente o mesmo esquema: reconquista dessa subjetivação pelo surrealismo que reinstaura a relação de forças, que novamente reclama para si formas de saber após aquela espécie de explosão, de abertura do dadaísmo que foi a abertura de uma potencialidade, criação de potencial.

Creio então que os três caracteres, ao menos os três que Félix trazia, eram o investimento de um novo campo de percepção e de um novo campo de afecção, a abertura de potencialidade, o que sempre foi o objetivo – eu creio – da filosofia moderna em oposição à filosofia clássica. Quero dizer que para mim a diferença entre a filosofia moderna e a clássica é esta: em lugar de buscar, de uma maneira ou de outra, o eterno, e geralmente encontrá-lo, fazer filosofia moderna é refletir sobre o que é algo novo, sobre o que é a criatividade. Isso não é recente, é o problema de todo o final do século XIX, é o problema bergsoniano, o problema da filosofia da arte na época, é o problema de Whitehead, que é um dos maiores filósofos do final do século XIX, um dos maiores filósofos anglo-americanos do final do XIX e início do XX. O que é algo novo? E em terceiro lugar, esse problema que identificamos em todos os filósofos, em todas as correntes de pensamento que desaguam no 68, o atravessam e se prolongam em seguida, a saber, o problema de um estatuto da arte que deve inclusive comportar e compreender, se quiserem, uma espécie de expropriação que concerne à própria existência, de tal maneira que a arte não seja reservada à obra de arte.

E, uma vez mais, mesmo no nível da percepção há campos nos quais seria melhor não tocar, pois tais percepções são perigosas. Tomem os grandes textos de Michaux, que para mim são maravilhosos no que diz respeito à subjetivação, sobre por quê abandonou a droga, em *Misérable miracle*.<sup>18</sup> Eu abandono a regra, as duas respostas de Michaux... é muito simples, ele explica esplendidamente, é porque é muito perigoso. Mas se fosse apenas isso seria nada porque é muito medíocre. Mas como reencontrar o mesmo problema que abrirá a percepção, pois para Michaux a droga é antes de tudo a abertura de um novo campo de perceptivo. E à abertura de um novo campo de percepção por meio da droga se opôs o movimento na direção da sexualidade, ou seja, na direção do afeto. Havia movimentos de

---

<sup>18</sup> MICHAUX, H. *Misérable miracle. La mescaline*. Paris: ed. du Rocher, 1956.

liberação da percepção diferentes dos movimentos de liberação do afeto. Mas eram processos de subjetivação que podiam coexistir ou competir.

Passo agora ao último ponto. De fato, coloquei como princípio – creio que Félix o recordou frequentemente – toda mutação social implica ou espera, espera ou convoca (embora possa ou não se dar), uma subjetivação, um modo de subjetivação ou modos de subjetivação. E os modos de subjetivação não se fundam em regulamentos administrativos, em exigências de poder nem em organizações de saber. Eles se dão de outra maneira que é de fato uma espécie de criatividade de algo novo. Aqui podemos tomar o caso do mundo árabe em sua história há 50 anos. Porém, uma vez mais, há coisas más, catastróficas, e alguém diz: “oh, meu Deus! Espero que essa subjetivação não se produza”. Não é esta a questão, há coisas que parecem maravilhosas e que logo mudam. Bem... Com certeza há uma subjetivação no mundo árabe. Mas também na América. Todos sabemos que no momento do New Deal houve uma vasta operação de subjetivação que transformou muito fortemente a sociedade norte-americana, não? E Félix fazia alusão ao Brasil (alguns de vocês sabem bem o que se passa), fazendo referência a modos de subjetivação extremamente curiosos com relação ao poder e ao saber técnico. Sim?

**Guattari:** Alguns comentários agudos, então. Como subjetividades, dobras arcaicas de subjetividade, podem tomar, retomar, adquirir a eficiência que jamais tiveram antes? É uma pergunta que se colocou desde a aurora do leninismo<sup>19</sup> com a famosa questão nacional. As questões nacionais são algo que assombrarão o que será a tomada de poder do stalinismo, ou seja, a subjetividade do movimento operário, mas poderíamos também dizer a subjetividade capitalística, pois nesse nível são partes do mesmo conjunto.<sup>20</sup> O que resistiu aos diferentes modos de subjetivação imperialistas, de tipo imperialista, quer se trate da subjetividade imperialista stalinista nos países do Leste europeu ou da subjetividade massamiédiática geral da potência ocidental, é a ressurgência de questões que a racionalidade progressista considerava definitivamente fora do jogo. Trata-se de questões nacionais que começaram a atuar não apenas na URSS, mas também nos diferentes movimentos operários em todos os lugares. No momento no qual uma forma de luta internacional podia se instaurar, ressurgiram questões nacionais ou questões particularistas, e mesmo ~~de~~ questões corporativistas que, digamos, marcavam uma reterritorialização brutal da subjetividade que proibia a programação, as programações políticas, as perspectivas etc. Creio que é sobre esse fundo de questões que se coloca o problema das identidades subjetivas, das identidades nacionais, profissionais etc.

O que me parece interessante é que temos dois grandes casos. Um caso no qual, segundo a expressão usada por Gilles, há compromisso entre as formas de subjetivação e esse compromisso é gerado no seio de interesses da modernização de um país. Poderíamos caracterizá-lo como sendo o da Frente Popular. Há, eu penso uma forma de complexo subjetivo da Frente Popular que consiste em não apenas tomar nota das diferenças de polaridade subjetiva entre as classes, não apenas considerar como um fato cristalizando uma

---

<sup>19</sup> Guattari diz: “dès l’aube du léninisme”, mas entende-se que se trata dos primeiros anos pós-revolução russa.

<sup>20</sup> Sobre essa similitude entre o mundo capitalístico “capitalista” e o mundo capitalístico “soviético”, cf. GUATTARI, F.; NEGRI, A., *As verdades nômades*. Trad. Mario Marino e Jefferson Viel. São Paulo: Politeia e Autonomia Literária, 2017.

forma de poder, ou seja, que determina práticas de poder sindicais, representativas em parlamento e em seguida todo um sistema de alternância de poder entre a direita e a esquerda etc; não apenas considerar tudo isso, mas também elegê-lo, escolhe-lo. É muito característico das subjetividades de New Deal – pois há muitos tipos de New Deal –, que são próximas das subjetividades, digamos, de tipo Frente Popular: favorecer uma expressão relativamente autônoma das classes operárias, das classes populares, sob a condição de que haja intercâmbio, toda uma série de prestações subjetivas com relação às elites, à aristocracia capitalista.

O que há então é uma fórmula do status quo. Essa fórmula do status quo, é preciso fazê-la funcionar quando para. É assim que se poderia pensar que nos países fascistas, onde se recusou esse tipo de status quo, criou-se um desequilíbrio que trouxe essa grande guerra de subjetivação que foi a última guerra mundial, que foi uma guerra de modelos subjetivos muito mais do que uma guerra entre modelos de interesse econômico. Certos países que não fizeram esse giro de semblante populista, como a Espanha, viveram um atraso considerável na capacidade de integrar as classes operárias no capitalismo espanhol. Se o capitalismo espanhol teve esse atraso considerável é porque, justamente, não houve essa gestão das relações de subjetivação que eram aquela de tipo Frente Popular francesa, ou em outros países.

Vemos que uma nova fórmula apareceu que não é mais a fórmula do compromisso entre modelos de subjetivação tipo New Deal: reforçar o consumo das classes populares, o qual provoca uma retomada geral dos circuitos econômicos e sobretudo uma capacidade de consistência global dos conjuntos sociais que lhes permita funcionar não para superar as crises, mas dentro através das crises, é a crise que é o motor mesmo da instauração de certo modo de subjetivação. Reencontraremos esse modelo levado ao seu extremo justamente nas fórmulas de contestação italiana, ou seja, o fato de que as próprias marginalidades, o estatuto de certo número de camadas sociais não garantidas fazem parte do próprio motor da estruturação social. Há outra figura que aparece, em minha opinião, com o Japão, é que não se trata mais de compromisso, mas de integração. Não se trata de fazer coexistir uma subjetividade autônoma que seria a das camadas operárias junto com as camadas aristocráticas, mas de integrar completamente, de fazer como que uma fusão, uma fusão nuclear entre elas. O que caracteriza, eu creio, o modo de subjetivação do milagre japonês é que tanto o conjunto das classes populares quanto das camadas capitalistas se encontram no prolongamento umas das outras, não há ruptura, clivagem de classes tão visível, não há espaços sociais completamente distintos – para começar o território não se presta muito para isso, não há como criar zonas residenciais totalmente autônomas das zonas populares. Mas, além dos modos de subjetivação, os modos de trabalho são relativamente homogêneos entre si, qualquer que seja o nível nos sistemas hierárquicos. As hierarquias são interiorizadas tanto nas classes mais desfavorecidas quanto nas camadas dirigentes. O que leva a essa coisa paradoxal: é que, longe de produzir uma subjetividade puramente modernista que existe – já que existe um vetor subjetivo de integração dentro da empresa, de assunção das tecnologias mais modernas no nível técnico-científico moderno –, encontramos certo tipo de funcionamento da subjetividade arcaica japonesa. E são os mesmos instrumentos que servem para fabricar a subjetividade mais, digamos, modernista ou pós-modernista, é o mesmo, e a subjetividade arcaica.



É portanto essa fórmula de integração que é mais eficaz e, em certo sentido, a mais perigosa, porque é também a mais dessingularizante. Serve para singularizar processos na ordem econômica e tecnológica, mas também serve para fazer uma serialidade geral da subjetividade japonesa. Tomo este exemplo como um dos polos de hoje, e também como um dos mitos, das novas formas de subjetivação.

Outro polo que eu gostaria introduzir em contrapartida seria o Brasil, porque, ao contrário, ele parece se desenvolver ali de uma forma que não é mais a da Frente Popular, isto é, benefícios relativamente complementares entre os polos de subjetivação, mas sob uma forma de segmentaridade que me parece muito misteriosa. Creio que o Brasil é hoje a sexta ou sétima potência industrial, que é uma potência em ascensão que se afirmará nos próximos anos. Mas ao mesmo tempo é um país de 120 milhões de habitantes dentro do qual, talvez, entre 80 e 100 milhões dos habitantes não participam da economia monetária porque estão num grau de pobreza absoluta. Então, vemos que não estamos mais na economia da Frente Popular, uma economia de benefícios recíprocos. É como se houvesse desenvolvimento heterogêneo, uma subjetividade hipercapitalista que coexiste com uma subjetividade da miséria que é extremamente forte. Há também um modelo similar nos Estados Unidos com guetos e assim por diante. Mas então...

**Deleuze:** Mas que são eles mesmos, como você diz, fenômenos de uma subjetivação completamente diferente, onde há uma subjetivação de todo um povo fora do mercado, que não participa do mercado...

**Guattari:** Eu gostaria apenas de fazer dois comentários sobre o Brasil que me parecem merecer muito uma reflexão. São dois pontos. É que essa heterogeneidade dos processos subjetivos é acompanhada de outro tipo de disposição geral que é a das mídias, porque todos os atores, inclusive os pobres, os que morrem nas favelas, têm televisão. Sistemas de subjetivação de televisão alcançam todos os participantes. Então não é como se houvesse uma reserva de aborígenes ou pessoas completamente perdidas em um canto enquanto se cria um enclave industrial, não! Existe a pretensão de criar um grande Brasil, um grande mercado subjetivo e que é através desse instrumento que não é um instrumento de intercâmbio monetário, que não passa por signos monetários..., porque, repito, mais da metade dos brasileiros praticamente não participam da economia monetária, daí os níveis de inflação alucinantes, mas ela passa pelas semióticas midiáticas de massa. Esta seria a primeira observação.

Segunda observação: os arcaísmos – entre aspas, porque são processo de territorialização subjetiva – obviamente existem entre os negros, existem no norte do Brasil, na Bahia etc., e existem entre os índios, o que é bastante natural, pois podemos entender que esses grupos se apeguem, estão reconstituindo uma subjetividade com os meios de que dispõem, com o que puderam recuperar antigos cultos africanos, coisas desse tipo. Mas isso o que é muito mais interessante é que são esses mesmos arcaísmos que operam o conjunto da sociedade brasileira. Isso quer dizer que temos um duplo movimento de subjetivação, de um lado a mídia capitalista conquista todos os 120 milhões de brasileiros. Mas, tendencialmente, também os cultos como candomblé, como os cultos afro, também alcançam o conjunto da subjetivação dominante. Aqui há uma produção de subjetividade que me parece completamente diferente dos outros casos, que se desenvolveram em

entidades que poderiam mais ou menos ser circunscritas, uma classe social ou um grupo ou, por exemplo, a subjetividade dos bretões etc.

No Brasil há algo que mantém relações transversais. Eu não faço um juízo de valor. No caso do Japão sim, porque ainda podemos nos perguntar a que ponto esse processo de integração não vai acabar com uma explosão nuclear, não vemos como poderá se desenvolver infinitamente, um corpo que tem também zonas de marginalidade absoluta. Mas no caso do Brasil existe outro modo de desenvolvimento que, a meu ver, a longo prazo, questionará os modos de subjetivação no planeta hoje, acabará questionando-os tão intensamente quanto ao modelo japonês. Acho que teremos que pensar sobre esses dois tipos de produção de subjetividade que estão se desenvolvendo diante de nossos olhos.

**Deleuze:** Sim, isso daria a ideia de que, não apenas há efetivamente variação histórica, há uma variação geográfica de modos de subjetivação. Isso é bom porque você analisou rapidamente mais de dois: Itália, Espanha, Japão, Brasil. Então estamos de acordo... Estamos de acordo... Ele diz que é justamente por isso que foi ao Brasil [risos].

Bem, o que eu sublinho, se você quiser, foi o propósito desta sessão, estar ciente da maneira pela qual se colocam em cada caso os problemas – são problemas complicados – o problema da subjetivação, incluindo e sobretudo a coletiva, na medida em que uh... diferem ou se distinguem em natureza das relações de poder e das formas de saber. E, em segundo lugar, como evidentemente há uma reação constante dos modos de subjetivação com as formas de conhecimento e as relações de poder.

Mas eu acredito, eu realmente acredito que, após os últimos três livros, incluindo *As confissões da carne*,<sup>21</sup> depois de seus últimos três livros, Foucault vivia e experimentou esse problema como sendo o problema que se tornou fundamental para ele. Uma vez dito que, tal como desejava, ele tinha conseguido atravessar a linha constituída pelo poder. Foucault soube fazer, soube como questionar as relações de poder sem ficar sempre do lado das relações de poder, tal como soube descobrir esse terceiro eixo, e seu problema obviamente se tornou: como reorganizar os dois eixos anteriores, saber e poder, de acordo com o eixo da subjetivação e vice-versa? E se alguém puder se dar ao luxo de prejulgar a maneira que teria continuado seu trabalho, acho que esse aspecto se tornaria cada vez mais importante, incluindo toda a sua reflexão sobre arte e literatura, que adquiririam um novo significado através dele, já que constantemente encontramos<sup>22</sup> o problema de novas percepções, das novas afetividades, e a esse respeito o problema da arte ou a criação de potencialidades.

E, se vocês quiserem, o que realmente produziu o impasse em *A vontade de saber*, era o fato de que Foucault tivesse dito a si mesmo algo assim: “mas, no meu sistema, ali no meu pensamento, não existe... não há finalmente espaço para a criação do novo, exceto sob a forma de mutações que não se sabe de onde vêm”. E quando ele se sente preso neste impasse, opera a ruptura, como que querendo recomeçar do zero com sua série de três livros,

---

<sup>21</sup> Quarto volume de *História da sexualidade*, publicado somente em 2018 em francês pela Gallimard. O primeiro (*A vontade de saber*) foi publicado em 1976, o segundo e terceiro (*O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*) em 1984, poucas semanas antes de Foucault falecer.

<sup>22</sup> Lembremos que Deleuze está no final de uma série de aulas nas quais revisitou globalmente o pensamento de Foucault.

partindo de *O uso de prazeres*. Ao descobrir a subjetivação, ele descobrirá como que uma fonte de pontos de resistência, como uma fonte para uma abertura das potencialidades em um campo social, ainda que, nesse momento, ocorra uma batalha entre os três eixos. [...] É isso por hoje!